

FOME!

HISTÓRIA DE PATATI

JÁ É DE TARDINHA E PELE TEM
QUE VENDER MAIS ALGUNS CHI-
CLETES E LEVAR O DINHEIRO PA-
RA A MÃE. SERÁ QUE ESSES RICOS
VÃO COMPRAR ALGUMA COISA? QUE
COISA DIFÍCIL! O PIOR É QUE SE
HÁ MÃE ACHAR POUCO, AI VAI
CANTAR O CINTO.



O NEGRO NOS quadrinhos brasileiros



Carlos
Eugenio
Patati
Baptista*

Diferente de sua situação discriminada em diversas mídias, o negro tem sido razoavelmente respeitado nas Histórias em Quadrinhos Brasileiros. Contribuem para isso alguns fatores. Talvez o principal seja que a mídia História em Quadrinhos, ela também, tradicionalmente, é muito discriminada, como assunto de menos im-

*Professor do Departamento de Letras e Artes, pesquisador do KAWÉ - UESC

portância, quando não classificada como prejudicial para a formação dos jovens. Só nas últimas décadas, as HQs (História em Quadrinhos) têm adquirido algum respeito crítico.

Nos anos 50, nos Estados Unidos, o mesmo inimigo dos Quadrinhos era o inimigo dos negros, a saber, a sociedade conservadora branca. Esta censurou as HQs, tentou proibir sua circulação enquanto pôde e perseguiu editores específicos. Isso gerou mais de uma memorável batalha de tribunal. Exemplo desse fato foi a EC Comics virtualmente proibida de existir. Essa editora foi a criadora da revista de humor MAD e dos quadrinhos de ficção científica e aventura que primeiro puseram um negro em situação de herói. Quanto aos setores progressistas da sociedade, faz-se necessário notar que o movimento pelos direitos civis (aquele, criado por um negro, de nome Martin Luther King) soube utilizar o potencial expressivo dos Quadrinhos como o poderoso veículo de propaganda e divulgação que eles podem ser.

Esta rápida digressão acerca dos Estados Unidos serviu para dar uma leve indicação de como é possível encontrar relações insuspeitadas no mais inocente gibí, e mais, a partir dele, extrair conclusões no mínimo curiosas. Também pesa aí o fato de que somos satélites inegáveis da cultura americana. As produções e potencialidades nacionais só têm conseguido se manifes-

tar no vácuo deixado pelos produtos, ou nos espaços gerados pela falta dos produtos habitualmente produzidos a partir da "sede".

No ramo do humor gráfico, o Brasil tem conseguido manter um mercado interno funcional, porque afinal é mais fácil rir dos nossos costumes e do nosso governante, mesmo sofrendo as conseqüências dos atos e desmandos dele, do que a partir de um ponto de vista estrangeiro, sem empatia nacional. Assim, expoentes como Henfil e Ziraldo puderam desenvolver seus ácidos estilos de humoristas, do qual são herdeiros Angeli, Laerte e uma renca de gente. Cada qual falando com um público diferente (adulto e infantil), estes dois puderam dar a ver, de modo minimamente competente, a figura do negro, com as figuras do *Cabôco Mamadô*, da *Graúna*, no caso de Henfil; e do *Pererê*, e mesmo o *Rufino*, seu rival, no caso de Ziraldo.

Não são retratos culturalmente precisos da negritude, como mais tarde realizou o quadrinho de terror. Mas são inegáveis exemplos de negros inteligentes e de respeito, na mídia impressa, e que não têm equivalentes na mídia televisiva onde, por exemplo, aparece o reaproveitamento coadjuvante do *Saci Pererê*, empreendido



por Monteiro Lobato, que conquista a telinha, mas nunca protagoniza o seriado.

Desde o início do século, de um modo ou de outro, houve negros protagonizando histórias em quadrinhos brasileiras, sempre mostrando situações que as mídias "de respeito" não ousavam. Exemplo disso é o ítalo-brasileiro Angelo Agostini a criticar o racismo por desenhos, ainda no fim do século passado, quando a imprensa dita séria não admitia a existência do tema.

A História em Quadrinho de terror se encontra com a cultura negra de modo mais preciso. Isso faz com que a primeira sempre tenha servido a esta última muito mais como espelho de suas origens e seus problemas do que o chiste da imprensa grande. Pode-se constatar tal fato, ao ver-se que o perigo não é mais o vampiro ou lobisomem, mas um Exu que foi enganado numa barganha. Também o perigo pode ser um pai-de-santo, catimbozeiro e inconseqüente. A capoeira passa a ser uma arma do herói e a malandragem, re-

curso negro contra a hipocrisia branca, é tomada como espaço onde se gera a solução contra o mal. Essa nova postura ocorre, apesar de a HQ de terror se mostrar um pouco menos informada do que a HQ de humor acerca dos grandes temas da realidade nacional. Ou pode-se mesmo afirmar que, até por causa disso, a inovação aconteceu.

A emergência de autores negros, a exemplo de Julio Emilio Braz (roteirista), Cau Gomez, Antônio Krisnas, Allan Alex (desenhistas, este último me conferindo a honra da parceria criativa faz quinze anos) e outros, faz com que possamos otimisticamente pensar nos passos seguintes que se fazem necessários, a saber, que haja mais negros alfabetizados e leitores de gibi no país, para que, nesta mídia aparentemente minoritária, esse segmento aparentemente minoritário da população possa ver florescer e desenvolver seu imaginário, mantendo sua influência sobre os conteúdos e as ousadias...

